

Ladrões de tecidos detidos pela polícia

• **Autor principal subornou vários trabalhadores num total superior a 770 contos**

Uma rede de nove ladrões de tecidos com quase todos os requintes, fazendo lembrar histórias de filmes «hollwoodianos» e utilizando o suborno como arma principal que totalizou mais de 770 mil meticais, foi neutralizada fruto de Vigilância Popular e de acção policial na Cidade da Beira.

Depois de ter roubado de um armazém dos CFM-Centro 25 fardos de tecidos para homem, que se destinava ao Malawi, nove elementos de uma quadrilha, que se encontra sob prisão, foram apresentados ontem numa reunião a mais de um milhar de trabalhadores nos Caminhos de Ferro-Centro, na Beira.

São eles: Manuel Mahave Magona, agente da empresa transitária «Manica-Moçambique», Abílio Alfaiate Ido, conferente de armazém «K» dos CFM; Harun Francisco Ismail, comerciante na zona do Maquinino; Jemusso Gulamo, motorista da empresa «Eduardo Cortinho»; Deglasse Chiururo, auxiliar de tráfego da Alfândega; Amade dos Santos Ibraimo, agente da empresa «J. M. Barnette»; Bacar Abdula Punjá, maquinista de guindaste dos CFM-Centro; Bernardo Nhandane, chefe da zona «D» dos CFM e Augusto Simão Magasso, contra-marca.

SUBORNO EM CADEIA

O «manager» deste plano, como ele próprio confessou perante os trabalhadores na reunião dirigida pelo Comandante Provincial da PPM, Manuel Mahave Magona, que tinha conhecimento da existência há já algum tempo de 25 fardos de tecido no armazém «K» na zona «D» dos CFM, depois de ter convencido em finais do mês de Junho o conferente daquele armazém que seria capaz de retirar aquela quantidade de tecidos, Manuel Magona contacta o motorista Jemusso Gulamo. Este também aliciado pelos viria a receber 100 contos,

mais 70 do que o previsto pelo frete, transporta os artigos furtados desde o referido armazém até à casa do comerciante Harun Ismail.

DEZENAS DE CONTOS PARA CALAR A BOCA

Mas para que estes artigos fossem para fora do sector ferro-portuário, eram necessárias facilidades no portão. O executor do plano subornou o auxiliar de tráfego da Alfândega Deglasse Chiururo, que concede aquelas facilidades para saída do camião que continha os produtos roubados.

Toda a movimentação à volta dos 25 fardos de tecido não passou despercebido de alguns funcionários.

Amade dos Santos Ibraimo, agente de «J. M. Barnette» que acabou por tomar parte activa neste crime de sabotagem a nossa economia, Bacar Abdula Punjá, maquinista de guindaste, Bernardo Nhandane, chefe da zona «D» e Augusto Magasso, contra-marca, receberam respectivamente 100 mil, 10 mil, 20 mil e 50 mil meticais para ficarem com a boca calada.

MAIS DE 770 CONTOS DE SUBORNO

No total, o comerciante Harun Ismail pagou mais de 770 contos a Manuel Mahave Magona, que juntamente com Abílio Alfaiate Ido e Amade dos Santos Ibraimo, receberam das mãos daquele proprietário aquela avultada importância no dia 2 de Julho passado.

As fatias maiores do bolo coube-

ram a estes três — para cima de 100 mil meticais e a Deglasse Chiururo que recebeu 120 mil meticais.

Foi a fatia menor do bolo que despoletou a denúncia do roubo. Bacar Punjá soltou a língua, descontente com a parte tão pequena que lhe coube — 10 mil meticais — para não denunciar o crime que tinha conhecimento.

Embora não tivesse denunciado directamente, murmurou perante alguns trabalhadores que tinha conhecimento de um roubo. Os Grupos de Vigilância da empresa, alertaram as estruturas policiais, que imediatamente iniciaram a investigação ouvindo Bacar Punjá.

MAL PAGO DENUNCIOU O GRUPO

Dal para diante é a história de detecção e detenção dos outros implicados. A Polícia conseguiu recuperar 130 mil dos 770 mil meticais que foram pagos aos implicados neste acto de sabotagem.

Não se conseguiu até ao momento recuperar os tecidos, mas tudo leva a crer, segundo fontes policiais, que tenham sido vendidos já a outros comerciantes.

Naquele encontro que o Comandante Provincial da PPM definiu como «não sendo o último enquanto não limpassem a empresa até ao último ladrão» foi lançado o apelo para se reforçar a vigilância naquele sector tão estratégico da nossa economia.